



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM-FACL

NARCIZA RAMOS LAMEIRA

REPRESENTAÇÕES DA AMAZÔNIA EM “O PALEÓGRAPHO OU ARTE DE  
APRENDER A LER LETRA MANUSCRITA PARA USO DAS ESCOLAS DA  
AMAZÔNIA”, DE JOAQUIM PEDRO CORREA DE FREITAS

ABAETETUBA/PA  
2019

NARCIZA RAMOS LAMEIRA

**REPRESENTAÇÕES DA AMAZÔNIA EM “O PALEÓGRAPHO OU  
ARTE DE APRENDER A LER LETRA MANUSCRITA PARA USO DAS  
ESCOLAS DA AMAZÔNIA”, DE JOAQUIM PEDRO CORREA DE  
FREITAS**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem do Campus Universitário de Abaetetuba - ao Curso de Letras - Língua Portuguesa como requisito à obtenção do título de Grau de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, sob orientação da Profa Dra. Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa.

ABAETETUBA/PA

2019

NARCIZA RAMOS LAMEIRA

**REPRESENTAÇÕES DA AMAZÔNIA EM “O PALEÓGRAPHO OU  
ARTE DE APRENDER A LER LETRA MANUSCRITA PARA USO DAS  
ESCOLAS DA AMAZÔNIA”, DE JOAQUIM PEDRO CORREA DE  
FREITAS**

Este trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Grau de Licenciatura em Letras-português da Universidade Federal do Pará/Campus de Abaetetuba/Polo de Tomé-Açu e aprovado em sua forma final em .

---

Profa Dra. Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa  
Orientadora

---

Profa. Nargila Silva  
Examinadora

---

Profa Dra Maria Adelina Rodrigues Farias  
Examinadora

# REPRESENTAÇÕES DA AMAZÔNIA EM “O PALEÓGRAPHO OU ARTE DE APRENDER A LER LETRA MANUSCRITA PARA USO DAS ESCOLAS DA AMAZÔNIA”, DE JOAQUIM PEDRO CORREA DE FREITAS

Narciza Ramos Lameira<sup>1</sup>

## RESUMO:

Este trabalho consiste em analisar os eventos sociais que tiveram relevância para o cotidiano social. Para tanto, investigamos discursos no livro *O paleógrapho ou arte aprender a letra manuscrita*. O objeto de estudo, então, são discursos presentes no livro, e o que se pretende analisar são as possíveis representações sociais no livro. A abordagem teórico-metodológica utilizada tem como base os estudos de Moscovici (2003), para conceituação da representação social. E para realizarmos a análise e para elucidarmos a noção de discurso faremos um curto delineamento desse conceito sob o ponto de vista da ACD de Resende e Ramalho (2011). A análise manifestou que as representações sociais contidas no livro apontaram para dados importantes daquela época que ficaram implícitos. Dessa forma, averiguamos nesta pesquisa que o livro explicita a desvalorização da sociedade no período de transição de império para república.

**Palavras-chave:** Análise Crítica do Discurso. Representação Social. Amazônia.

---

<sup>1</sup> Concluinte do curso de Letras-Língua Portuguesa na Universidade Federal do Pará (UFPA).  
E-mail: [narcizaramos9@gmail.com](mailto:narcizaramos9@gmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

Os estudos sobre representação social são de grande relevância para a compreensão do mundo social. Dessa forma, analisar as representações sociais consiste em desvendar os eventos sociais que tiveram relevância para o cotidiano social. Moscovici (2003, p.31) afirma “que nossas respostas aos estímulos estão relacionadas à determinada definição, comum a todos os membros de uma comunidade à qual nós pertencemos”. Nesse sentido, Moscovici (2003, p.3) relata em seu discurso sobre representação que “se, ao dirigirmos pela estrada, nós encontrarmos um carro tombado, uma pessoa ferida e um policial fazendo um relatório, nós presumimos que houve um acidente”, pois esse conjunto de fatores nos norteiam a uma representação psíquica de um acidente.

Com base nesses argumentos, o presente trabalho pretende esclarecer as representações sociais contidas no livro *Paleografo ou arte de aprender a ler a letra manuscrita*. A fundamentação teórica que nos norteia é a interseção entre a Teoria das Representações Sociais, a partir dos pressupostos de Moscovici (2003), e a *Análise Crítica do Discurso*, desenvolvida por Norman Fairclough.

Esta pesquisa busca estudar as representações sociais sobre a Amazônia presentes no livro *Paleografo ou arte de aprender a ler a letra manuscrita*, datada no ano de 1906, mais especificamente observando o modo como as capitais amazônicas, Belém e Manaus, aparecem descritas no livro. Nossa hipótese é de que as representações contidas no livro se pautam no imaginário da floresta, sendo definidas a partir dos aspectos relacionados à natureza, que ainda são as representações que se tem hoje sobre a região amazônica.

Adotando como base que todo discurso é ideológico, o trabalho foi norteado pela seguinte questão: Quais traços que marcam representações sociais em duas das capitais Amazônicas, que possam esclarecer alguns dos aspectos de representação social que marcam o período de transição de Império para República?

Com essa perspectiva, pretende-se analisar quais são as representações sociais predominantes no livro *Paleógrafo ou Arte de aprender a letra manuscrita*, da 29 edição, de 1906, na transição de império para república, visto que Moscovici (2003 p.35) afirma que, segundo a psicologia social, “nenhuma mente está livre dos

efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura”.

Como objetivos específicos consideramos descrever quais aspectos são privilegiados nas descrições das cidades Belém e Manaus em fragmentos dos textos em que o autor apresenta as duas das capitais amazônicas e, ainda, analisar que aspectos são silenciados no discurso sobre as capitais a partir de trechos da obra em questão.

Embasados na perspectiva das representações sociais, analisaremos o *corpus*, retirado do livro. Por conseguinte, classificaremos enunciados que remetam a tais categorias analíticas. Os resultados das análises apontam para a representação da Amazônia pelas riquezas e suas florestas e pelo silenciamento de aspectos relevantes de transição de império para república.

Em um primeiro momento, trataremos de expor as representações sociais através dos estudos de Moscovici (2003). Em seguida, abordaremos a ADC, por meio dos estudos de Ramalho e Resende(2011). E, em um terceiro momento, delinearemos as categorias para a identificação das representações presentes no texto e realização das análises: a) presunção e b) Representação dos eventos sociais.

## **2. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

O primeiro teórico a se referir às representações sociais como representação coletiva foi Émile Durkheim. Segundo este autor, o pensamento individual seria um fenômeno puramente psíquico, mas que não se reduziria à atividade cerebral, e o pensamento social não se resumiria à soma dos pensamentos individuais (MOSCOVICI,2003). Este autor destaca que a Sociologia viu as representações sociais como artificios exploratórios, não se importando com sua estrutura ou dinâmica interna.

Filiado à corrente de pensamento Sócio psicológico, em que a psicologia social está situada no cruzamento entre os conceitos sociológicos e psicológicos, Moscovici (2003) observa que a psicologia social contemporânea persiste em apresentar um tipo de desenvolvimento descontínuo de paradigmas que mudam e se substituem.

A psicologia social se preocupa somente com a estrutura e a dinâmica das representações, quando, para Moscovici, não existe separação entre o universo interno e o externo do sujeito, uma vez que este se situa em um universo social e material.

Tratando-se de conceituar representações sociais, estas são entidades tangíveis:

Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através de uma palavra, de um gesto, ou duma reunião em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria das nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos, e as comunicações que estabelecem. (MOSCOVICI, 2003, p.10)

Trata-se, portanto, de uma construção em que o sujeito faz para entender o mundo e para se comunicar. As comunicações, nas representações sociais, têm papel fundamental, pois é através dela que se configura nosso cotidiano, no agir e interagir com os outros. Um indivíduo que nasce em uma determinada região adquire conhecimento, costumes e hábitos daquele lugar de origem, como em algumas regiões amazônicas, que costumam tratar de algumas enfermidades com ervas medicinais, e tal conhecimento é passado de pai para o filho, de uma família para outra, dessa forma se torna cultura regional. Segundo Moscovici (2003.p.8), “Esse exemplo além de ilustrar o papel e a influência da comunicação no processo da representação social, ilustra também a maneira como as representações se tornam senso comum. Elas entram para o mundo comum e cotidiano que nós habitamos”, mas com resultados positivos e tornando-se uma realidade social para região, transmitindo saberes.

A teoria das representações sociais tem como objetivo explicar e compreender fenômenos sociais, considerando que, de acordo como Moscovici (2004), a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não familiar, o que significa que o indivíduo precisa conhecer o objeto ou sujeito para representar.

Crusoé (2004) acentua que a Teoria das Representações Sociais abordada em termos de processo consiste em saber como se constroem as representações, como se dá à incorporação do novo, do não familiar, aos universos consensuais.

Há numerosas ciências que estudam a maneira como as pessoas tratam, distribuem e representam conhecimento. Mas o estudo de como, e por que as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, de como eles transformam ideias em prática numa palavra, o poder das idéias- é o problema específico da psicologia social (Moscovici, 2003, p.8)

As representações são sempre um produto da interação e comunicação, tomando forma e configuração específicas a qualquer momento, decorrente do equilíbrio específico dos processos de influência social, visto que é um sistema de valores, ideias e práticas, e com uma dupla função:

A primeira, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social, e controlá-lo e, em segundo lugar, possibilita entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e de sua história individual e social. (MOSCOVICI, 2003, p.21)

A linguagem, a comunicação, carregam representações sociais e individuais. É conhecimento e, nesse sentido, destaca-se o que Moscovici (2003) aponta como senso comum, tão em descrédito no meio acadêmico. Conforme o autor, o senso comum, com sua inocência, suas técnicas, seus arquétipos, comporta uma série de informações e impressões significativas quando se procura um referencial acerca de determinado tipo de conhecimento. Para Moscovici (2003.p.24), “a teoria das representações sociais se mostrou suficiente clara e precisa para apoiar e manter um crescente corpo de pesquisa”.

Pautados nas ideias de Moscovici sobre as representações sociais, tomamos como apoio teórico, em uma perspectiva interdisciplinar, a Análise Crítica do Discurso (ADC), que toma o discurso como um momento das práticas sociais que influencia e é influenciado por essas práticas. Diante disso, considerando que os textos podem ter efeitos causais sobre o modo como representamos a Amazônia, apresentamos o aporte teórico da ADC na seção a seguir que pautam a análise do *corpus*.

### **3. ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICO**

A ADC baseia-se na teoria social que tem Norman Fairclough como precursor, ADC destaca o discurso como um momento, uma parte social que, segundo Ramalho e Resende (2011.p.13), apontam para a “linguagem como parte da prática social. Nessa perspectiva, o conceito de discurso é central, pois aponta tanto para o sistema quanto para seu uso contextualizado”. Com essa ideia de que um discurso dá sustento ao outro discurso, entende-se que todo texto tem um contexto e nem todo discurso tem uma só finalidade. O discurso político partidário é

um exemplo explícito em que, com o intuito de persuadir prováveis eleitores, os candidatos formulam discursos enfáticos de forma que passe verdade em suas propostas eleitorais.

De acordo com Ramalho e Resende (2011.p.14), “A ADC não pesquisa a linguagem como um sistema semiótico nem como textos isolados, mas sim o discurso como um momento de toda prática social”. Como a ADC não se prende a signos, isso significa que a todo momento há produção de discursos no cotidiano de cada cidadão que refletem no seu meio social e cultural. Como afirma Ramalho e Resende (2011, p.17), “cada qual com suas particularidades e em seu contexto histórico, político e cultural, laçamos mão de discursos, gêneros e estilos específicos, em dadas situações sociais também específicas. Nesse sentido é que falamos em ‘discursos neoliberal’ por exemplo”. Em suma, o discurso dá possibilidade ao cidadão de explicitar suas aquisições de experiências do seu mundo e em diferentes classes, exemplo disso é um discurso de um médico não se comparar ao discurso de um gari (Ramalho e Resende 2011).

Resende e Ramalho (2011, p.12) afirmam que “A ADC justifica-se por seu engajamento com a tradição da “ciência social crítica”, que visa oferecer suporte científico para a crítica situada de problemas relacionados do poder como controle”. Partindo desse pressuposto, tomaremos para análise fragmentos do livro paleógrafo ou arte de aprender a ler a letra manuscrita, quais as representações sociais contida na obra de Joaquim Pedro Corrêa de Freitas que alimentaram o imaginário sobre a região amazônica na transição do Império para a República.

O presente trabalho se utilizará dos recursos desta teoria para aprofundar-se nas análises das representações sociais contidas em fragmentos do livro Paleógrafo ou Arte de aprender a letra manuscrita, considerando o modo como as capitais amazônicas eram tratadas no paleógrafo, trataremos dos aspectos considerados na descrição das capitais Belém e Manaus.

## 4. METODOLOGIA

Esta seção é dedicada à apresentação dos aspectos metodológicos que nortearam esta pesquisa, cuidando de apresentar o livro em análise, a pesquisa e as categorias que subsidiaram a análise do livro.

### 4.1 O Paleógrafo

Segundo Duarte (2018, p.111), “Na primeira metade do século XIX, a escolarização não era obrigatória no Brasil” dessa forma podemos analisar de forma concreta o desinteresse dos governantes com a educação do país. Essa falta de valorização, conseqüentemente, faz com que não houvesse investimentos para a publicação de obras didáticas para a região amazônica do norte do país, com tudo Duarte (2018, p.114) afirma que “Na segunda metade do século XIX, além de ter sido um período de grande desenvolvimento das forças produtivas no mundo e também no Brasil, as lutas político-ideológica, especialmente, em favor da abolição da escravatura e pela República criaram um ambiente muito favorável à implantação do público leitor” daí a necessidade de produzir obras que alcançasse esse público.

O livro Paleógrafo ou arte de aprender a letra manuscrita foi uma dessas obras que teve, em suma, uma grande contribuição pra a formação intelectual de alunos das séries que Duarte (2018, p.114) relata que “...muitos livros para infância, voltados para o ensino da leitura, foram produzidos em séries graduadas” como o livro de leitura paleografo ou arte de aprender a letra manuscrita, que Duarte (2018, p.125) afirma ter sido umas das obras” produzidas durante o Império e atravessaram a República”. A autora ainda afirma que, em meio às produções de livros didáticos, consideradas significativas na Amazônia por ela, o livro Paleografo ou arte de aprender a ler a letras manuscrita teve seu lugar de destaque para a conscientização cultural amazônica.

### 4.2 A pesquisa

Conforme Resende e Ramalho (2011, p. 75), “A ADC objetiva oferecer suporte científico para estudos sobre o papel do discurso em relação a problemas sociais contextualmente situados. Daí sua vinculação a um paradigma interpretativo crítico”. Consideramos que a representação da Amazônia vinculada nesses manuais de leitura alimentavam o imaginário popular e, em função disso, criava um

estereótipo da região que nem sempre correspondia à realidade, por isso optou-se pelos pressupostos da ADC como paradigma interpretativo crítico. Diante disso, observamos algumas categorias previstas na ADC que pudessem subsidiar a perspectiva da representação social da Amazônia e os aspectos ideológicos atrelados a essas representações.

Assim, optamos pela pesquisa qualitativa, de cunho documental, pois analisaremos as representações dentro do livro “Paleógrapho ou a arte de ler a letra manuscrita”.

### 4.3 Categorias

Resende e Ramalho (2011) propõem um quadro em que apresentam os aspectos que podem ser levados em consideração em uma pesquisa em ADC. Conforme as autoras (p. 112-113),

“**Categorias analíticas**” são, portanto, formas e significados textuais associados a maneiras particulares de representar, de (inter)agir e de identificar(-se) em práticas sociais situadas. Por meio delas, podemos analisar textos buscando mapear conexões entre o discursivo e o não discursivo, tendo em vista seus efeitos sociais.

Diante disso, dentre as categorias apresentadas pelas autoras, optamos por duas, em particular, por se considerar que atendem à proposta de analisar as representações do espaço amazônico neste trabalho.

O primeiro dos aspectos discursivos/textuais é a **Representação de eventos/atores sociais**. Para tratar desses aspectos, as autoras citam uma série de perguntas, das quais se aplicam a essa pesquisa:

- a) “Que elementos dos eventos sociais representados são incluídos ou excluídos?”
- b) “Que elementos incluídos são mais salientes?”
- c) “Como tempo, espaço e a relação entre ‘tempos-espacos’ são representados?”

O segundo desses aspectos é a **Presunção**. Para a qual é necessário pensar as seguintes questões:

- a) “Que presunções existenciais, proposicionais ou valorativas são feitas?”;
- b) “É o caso de se ver algumas presunções como ideológicas?”

Diante dessas questões apresentadas pelas autoras, pretende-se observar as representações das duas capitais amazônicas, Belém e Manaus, e, diante disso,

analisar as presunções ideológicas assinaladas pelas representações dessas duas capitais no livro em estudo.

Os resultados dessa análise são apresentados na seção a seguir.

## 5. RESULTADOS

### • PRESUNÇÃO

No livro *Paleógrafo ou arte de aprender a ler a letra manuscrita*, Freitas (1906) enalta as capitais Amazônicas pelas riquezas de suas florestas. Ao se referir à cidade de Belém, Freitas (1906, p. 25) afirma que “*A cidade de santa Maria de Belém do Pará, é uma das mais belas e florescentes cidade do Brasil*”. No fragmento, o autor inclui somente a beleza da natureza, relata de forma clara que a cidade “*está situada na margem direita da vasta e formosa Baía do Guajará*” com muita precisão quando afirma que o terreno era levemente acidentado. Percebe-se nos trechos que o autor faz uso da presunção quando se utiliza dos adjetivos belas, florescentes, vasta e formosa para enaltecer apenas o belo da natureza, desconsiderando outros aspectos que também estão presentes. De uma vez que o autor em seu relato sobre a cidade de Belém menciona um comércio ativo, pressupõe que haviam trabalhadores que fomentavam a mão de obra deste comércio, e teriam problemas de desigualdade social, porém são ignorados no relato do autor, Dessa forma, os leitores são estimulados a crer apenas no belo, que conseqüentemente o aluno não será instigado a fazer uma leitura crítica tendo em vista que o autor mascara possíveis desigualdade social que provavelmente oprimia os menos favorecidos.

O autor enfatiza que o fundador da cidade de Belém foi o Capitão Francisco Caldeira Castelo Branco, na época do Império, com o rei D. José 1º, que governava Portugal e tinha um importante comércio com países como a Inglaterra, França, Portugal, Alemanha, Peru e Bolívia. O autor enalta a beleza arquitetônica quando descreve que a cidade tem “*belas praças, sendo a maior a de S. Braz*”, no entanto continua seu olhar para a natureza quando descreve que variedades de árvores, porém apresenta os prédios notáveis como: Catedral de nossa Senhora do Carmo, Nossa senhora de Nazaré, o Palácio do Governo e o Teatro da Paz.

Podemos notar que os moradores da cidade de Belém são excluídos pelo autor, que só enfatiza em seu discurso que “*A cidade de Santa Maria do Pará, é uma das mais belas e florescentes cidades do Brasil*”, o mesmo usa o adjetivo

”*belas, formosa, encantadora, espaçosa, e notáveis*” para frisar a natureza quando relata que ela “*está situada às margens direita da vasta e formosa baía do Guajará*” e discursa que a cidade “*apresenta um panorama risonho e uma perspectiva encantadora quanto à população, só é privilegiada em um relato: “a população é superior a 70 mil habitantes*”. A capital do estado do Pará.

### ● REPRESENTAÇÃO DE EVENTOS/ATOES SOCIAIS

Freitas (1906 p. 27, 28, 29, 30, 31) continua sua apresentação da capital de Manaus que, em 1757, era conhecida como Alto Amazonas, denominada capitania, pois a mesma tinha o capitão José do Favore em seu comando. No entanto, era subordinado pelo capitão general do Pará. No ano de 1758, seu primeiro governador é empossado, o coronel Joaquim de Mello, porém, no ano de 1815, deixa de ser companhia e passa ser província, no entanto perde o título de província, em 1824, passando a ser subordinada ao Pará. No ano de 1889, o Alto Amazonas era transformado em estado, com a consolidação de cidade de Manaus, Freitas (1906) afirma que “*Manaus está assentada na margem esquerda do rio negro duas léguas de distancia do Amazonas*”.

A cidade é vista pelo autor como pitoresca com elegância mesmo tendo seu território acidentado, com ruas e praças, habitada por quinze mil habitantes, possui edifícios imponentes como a matriz que, mesmo inacabada, era admirada, como o palácio do governo, pois, com a consolidação do estado do Amazonas, tornou-se uma dos mais importante estado do Brasil, com vastidão territorial, água em abundância e riquezas em suas florestas. O estado obtinha um comércio abrangente com a borracha, redes de mangueiras, manteiga de tartaruga, guaraná e óleo de copaíba que em sua maioria escoavam para o estado do Pará.

Freitas (1906) continua deixando claro em sua obra o poder mandatário dos capitães que eram autoridade na época que governavam as cidades, como a cidade de Manaus que era governada pelo capitão José de Favare, usa o adjetivo “*pitoresca, graça e elegância, notáveis* para valorizar a cidade de Manaus, seus habitantes continuam sem tanta valorização quando o autor menciona que sua população e formada *de 15 mil habitantes*, as construções arquitetônica com seus “*edifícios notórios*” como a matriz que ainda estava inacabada, exemplifica a importância do estado do Amazonas como “*mais importante estado do Brasil pela vastidão do seu território, pelas abundancias de suas águas e pela riquezas de suas*

*florestas*”; deixa claro que seu comércio é ativo, pois o estado comercializa gêneros de exportação e coloca o substantivo “ são” para apresentar os produtos de exportação como, *a borracha, a castanha, redes de mangueiras, pirarucu, manteiga de tartaruga, guaraná e o óleo de copaíba*, esses gêneros que fazem o comércio ativo e importante.

## 6. CONSIDERAÇÕES

O autor descreve a cidade de Belém por sua riqueza florestal, suas praças e expõe a maior de S. Braz, seus prédios arquitetônicos imponentes como as catedrais que traziam em suas construções traços europeus, a beleza é enalçada até quando o autor aponta o “Terreno levemente acidentado”; a natureza é valorizada de forma que o autor em seu discurso só visualiza a cidade vista de outra margem, como se as florestas as margens da Baía do Guajará fosse território trafegável normalmente pelos habitantes de Belém, deixando o leitor a impressão que a cidade só tinha a beleza das florestas, no entanto, novamente a população é apresentada somente em um montante de 70 mil, não são valorizados os que já, na época, faziam com que a cidade de Belém crescessem tanto em território quanto em desenvolvimento e problemas social, que o autor deixa completamente implícito.

Da mesma forma, a cidade de Manaus segue o mesmo paralelo. Na visão de Freitas (1906), a natureza é tida como bela, porém seu comércio é completamente extrativista, isto nos sugere a presença das representações sociais quando o autor apresenta as duas cidades de uma vez que a obra era livro de leitura para às escolas da Amazônia.

Moscovici (2003 p,29) descreve uma crença no “pensamento primitivo” onde “o poder ilimitado da mente” e que o “pensamento é uma réplica do objeto”, daí o olhar do autor da obra em questão colocar seu olhar primitivo de uma cidade bela, risonha de muitas florestas, e prédios notáveis, seria o seu olhar psíquico, porém externa essa representação, apontando o que de concreto a cidade tinha no momento, uma vez que a margem da cidade era vasta de plantas nativas amazônicas, e as construções arquitetônicas eram de uma imponência notável, com moldes europeus que na época eram replicados.

A partir da perspectiva da ADC, podemos perceber que o autor se preocupa em expor somente as características que para ele eram importantes, como as

belezas naturais, as riquezas extrativistas e a atividade comercial. Nos fragmentos podemos perceber características da categoria analítica representação do espaço: florestas extensas e rios em abundância. O fato é de se tratar de um livro de leitura para as escolas, as representações sociais que o autor transmitia eram de uma cidade em que só havia as belezas das florestas e dos prédios que para ele eram “notáveis”.

Outros aspectos eram silenciados como, por exemplo, as atividades culturais, os costumes das pessoas que habitavam esses lugares e, de certo modo, os problemas sociais da região. Isso significa que o autor indiretamente induzia a sociedade a crer que as cidades eram completamente livres de qualquer problema social, afirmando que a arquitetura das cidades era composta de “edifícios notáveis”. O foco na arquitetura aponta para uma valorização do que lhe é externo, pois essa arquitetura, na verdade, representava o aspecto europeu dessas cidades dada a influência da *Belle Époque* nessas construções.

No que diz respeito à presunção, duas proposições não necessárias: A região amazônica é representada como um lugar de belezas e riquezas naturais e primitivas a serem exploradas e a arquitetura é valorizada pela sua aproximação com o ideal europeu. As características da vida do povo da região são silenciadas assim como a sua descrição, o que faz com que essas representações ainda hoje ecoem na memória coletiva, gerando uma representação que coloca as cidades da região, no imaginário estrangeiro, como terra de indígenas e de mata, assim como de atraso tecnológico ou lugar primitivo.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, R. D. Livros escolares de leitura da Amazônia: produção, edição, autoria e discursos sobre educação de meninos, civilidade e moral cristã. 365. Ed. Campinas: Pontes Editores, 2018, v. 1.

FREITAS, J. P. C. Paleographo ou Arte de aprender a ler a letra manuscripta: para uso das escolas da Amazônia. 29. Ed. Paris: Lith. De Ch. Gaulon, 1906.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro, Vozes, 2003. 404 páginas (trad. Pedrinho A. Guareschi, a partir do original em língua inglesa *Social representations: explorations in social psychology* [Gerard Duveen (ed.), Nova York, Polity Press/Blackwell Publishers, 2000]).

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso (para) a crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas - SP: Pontes Editores, 2011. (Coleção Linguagem e Sociedade, vol. 1)